



INTEGRAÇÃO BRASIL-ARGENTINA

Jonas de Moraes Correia Neto

Matéria extraída do discurso proferido pelo autor em nome de dezesseis novos membros efetivos eleitos pelo Instituto Samartiniano do Brasil, entre os quais ele se inclui (Cerimônia de posse e recebimento de diplomas realizada em 4 de junho de 1993).

Atualmente, entre os brasileiros - e creio que, igualmente, entre os argentinos - é de se perceber a existência de uma acentuada convicção de que nossas nações precisam, além de viver em paz, ser e conservar-se boas amigas e sólidas parceiras, em união compatível, estável e vantajosa.

Ressalta logo a figura da "integração" Brasil-Argentina que vem sendo buscada, empenhadamente, por ambos, nestes anos recentes, com maior vontade e franqueza do que em várias ocasiões anteriores, nos últimos cem anos.

A "integração" desejável é a que atenda aos interesses comuns, que favoreça o crescimento

econômico equilibrado e sustentado, que ajude a promover o desenvolvimento social justo, humano e venturoso, satisfazendo às aspirações dos dois partícipes, de se realizarem internamente e de se alçarem em âmbito mundial. Todavia, que isso seja conseguido de maneira consensual, sem arroubos, sem demagogia, sem tensões e sem traumas, harmonicamente, sem violentar, seja como for, as características básicas nacionais de cada um dos dois países.

Uma "integração" desse tipo exige, para ser eficaz e duradoura, que haja o respaldo forte do incentivo e do apoio popular. Há de começar nas almas dos cidadãos, de onde emanarão as correntes poderosas das

intenções, definidas e impulsadoras.

Assim enxergamos a moldura ampla da "integração", que tornará mais e mais aproximadas as duas grandes nações irmãs. Vemo-las irmanadas, ainda mais e efetivamente, por ideais, por intercâmbios, por medidas práticas comuns, até por pequenos e temporários riscos e sacrifícios, soberanamente aceitos e resolutamente compartilhados.

Estamos seguros de que a larga via providencial para o almejado sucesso deve transitar por duas áreas marcantes da personalidade coletiva peculiar a cada país, as quais são: sua expressão cultural e seu estamento militar.

Pinçamos essas áreas num razoável espectro. Por que elas? O saber é a força que induz à consciência cívica e aos maiores empreendimentos. As Forças Armadas, símbolo vivo da nacionalidade, constituem-se em poderoso respaldo a todas as decisões e posições nacionais, interna e externamente.

Quanto ao elemento cultural, nada melhor do que a disseminação de conhecimentos. É claro que bem direcionados, para que os povos possam se instruir, uns sobre os outros, de maneira mais exata, mais

realista, escoimada de estereótipos - que esses, muitas vezes desvirtuadores da verdade, têm servido para nutrir constrangimentos e para forjar desentendimentos e atritos, não raro mal-intencionadamente.

As relações brasilio-argentinas são pontilhadas de imagens falseadas. De tão repetidas, ficam parecendo reais, embora sejam, na maioria, absolutamente mentirosas e, portanto, incapazes de suportar um reexame cuidadoso, ou sequer uma avaliação lógica, desde que feitos com honestidade e isenção.

Não me deterei em referir algumas delas e facilmente desbastá-las. Nós as encontramos em artigos, em livros (alguns clássicos), em compêndios escolares, incutindo dúvidas, disseminando boatos, intrigando, desunindo. Aprofundar esta matéria seria assunto para uma tese de doutorado.

Para firmar o ponto que coloquei, vou-me valer das palavras de Pedro Calmon, no prefácio da obra de Ricardo Levene - "Síntese da História da Civilização Argentina" (volume 1 da Coleção Brasileira de Autores Argentinos, sob os auspícios do Serviço de Cooperação Intelectual do M.R.E. - Rio, 1938):

"A Comissão Revisora de Textos de História e Geografia, que

há três anos cogitou, em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, de expungir os compêndios que correm pelas mãos da juventude de tudo o que lhe corrompesse ou desfigurasse o necessário sentimento americanista, fez obra permanente, realizando essa recíproca tradução de livros-índices, ilustrativos, sadios e benéficos. A melhor política de concórdia internacional é a que se orienta para o conhecimento íntimo e leal das literaturas, da alma popular, das realidades econômicas, dos fatos históricos (e das figuras históricas, nós acrescentamos) - a fim de que as escolas comecem o que as chancelarias ultimam: a simpatia na compreensão."

Mais adiante, afirmava Calmon que "uma biblioteca de escolhidos volumes, capazes de bem difundir verdades substanciais, se nos afigura o principal instrumento"...

Nessa permuta consistente e amável, lá se publicaram, em espanhol, obras de Oliveira Viana, Euclides da Cunha, Afonso Celso, Rodrigo Octávio, Pedro Calmon. E aqui, além do livro de Levene, traduções de Mitre, Sarmiento, Alberdi, Cárcano; de Ricardo Rojas, a magnífica biografia "O Santo da Espada".

Foi um começo. Uma tentativa

excelente que, no entanto, não teve nem a projeção desejável nem a continuidade pretendida, lá e cá. Falhou, é pena, a previsão de Calmon: "O serviço prestado às letras sul-americanas e à boa-vizinhança espiritual vale por uma sementeira em chão fértil. As palavras voam, os livros ficam."

Não obstante, sempre é oportuna a retomada de uma prática promissora, ainda que em novos moldes, aproveitando-se os recursos maravilhosos da modernidade tecnológica, na procura dos efeitos colimados.

Quanto à área militar, em que pese o ativo condicionamento profissional, influente e persistente, o fato é que já perdura uma tradição de ótimo relacionamento, seja a nível institucional e organizacional, seja mesmo em caráter pessoal e familiar.

Não é um paradoxo. É mais uma decorrência. É uma atitude consistente. Sou testemunha e integrante desse quadro, que aparenta ser surpreendente. Digo de mim que venho mantendo ótimo contato com os militares argentinos, durante quase 50 anos. Às vezes mais freqüentes, às vezes rareados; ora mais íntimos, ora mais formais; porém, sempre cordiais, fraternais mesmo, numa

agradável reciprocidade.

Pensa-se também, pois, numa "integração" militar. Ela é bastante viável, com a condição de ser entendida como o intercâmbio cultural profissional, tanto técnico como operacional. Se ampliada, poderá ser entendida, também, como a procura e o aproveitamento de atividades e missões que se possam executar conjuntamente, inclusive em situações aproximadas de certo grau de realismo bélico.

Há exatamente três anos, recebi o encargo de ir à Argentina, para uma conferência entre as chefias dos estados-maiores das Forças Armadas argentinas e brasileiras, sobre questões típicas e comuns àquelas Forças e sobre o possível estreitamento das nossas relações militares. Foi uma semana de trabalho contínuo, de dialogação vasta e aberta. Expusemos pontos-de-vista, trocamos idéias, argumentamos vivamente e, num convívio transparente, aplainamos antigas dúvidas e acertamos prazerosamente nossos ponteiros, em problemas de segurança no campo militar.

Convencido estava e mais fiquei de que não é apenas possível fazermos

verdadeira a frase célebre "tudo nos une, nada nos separa"¹. É possível e não é difícil, se o quisermos com clareza e com grandeza.

Da extensa programação, constaram visitas à Força de Submarinos (Mar del Plata), à Brigada Aérea dos aviões Mirage (Tandil), à Escola de Defesa Nacional (similar à nossa ESG). Em toda parte, soldados, marinheiros, aviadores, comandantes e jovens oficiais, todos demonstraram à nossa comitiva espontânea cordialidade e vivo interesse, o que calidamente retribuimos.

Noutro conjunto emocionante de eventos, depositamos uma oferenda floral no monumento votivo a San Martín e visitamos o Colegio Militar de la Nación. Ali, após passar em revista o Corpo de Cadetes, lindamente formado em parada de gala, impusemos, à sua Bandeira de Guerra, a Comenda da Ordem do Mérito Forças Armadas, pendente ao lado da Ordem do Mérito Militar do Brasil, num sugestivo entrelaçamento. E recebemos, como significativo presente ao nosso EMFA, um Espadim de Cadete argentino.²

Aproveitei a feliz oportunidade

1. De Roque Saenz Peña.

2. Tal espadim é cópia fiel do sabre glorioso do general San Martín, assim como o do cadete brasileiro reproduz o sabre invicto do Duque de Caxias.

para falar aos espíritos daqueles garridos moços, futuros oficiais do Exército Argentino. Enfatizei, entusiasmado, o pensamento aglutinador de que nossos exércitos podem se envaidecer de ter, por patronos, duas excelsas figuras, que se assemelharam na predestinação e nos serviços: San Martin, para libertar povos e fazer nascerem nações no continente sul-americano; e Caxias, para pacificar o subcontinente brasileiro e assegurar a unidade nacional, este portentoso milagre que temos o dever de preservar, como preservamos. Ambos, San Martin e Caxias, são padrões de comportamento, o que justifica sua consagração tutelar.

Os dois gigantes jamais se encontraram. Seus sabres - esses sim - estiveram, pela primeira, lado a lado, em cerimônia festiva, recebendo inédita homenagem, no Campo de Marte da velha Escola Militar do Realengo, durante a distribuição dos Espadins aos novos Cadetes, em 1939.

Eis a atitude que deve ser

animada, alimentada, apurada, enaltecida. Para que prospere, há necessidade de informações e de ações. Sinto que o esforço conjunto, nesse rumo, passa pelas áreas que focalizei: cultural e militar.

O Instituto Sanmartiniano, na Argentina, é vinculado à alta direção da Educação nacional. Ele cuida, devotadamente, de divulgar tudo quanto se refira e promova a imagem do herói da pátria.

O Instituto Sanmartiniano do Brasil, transcendendo as lindes fronteiriças, é um centro difusor de cultura singular. Esmera-se em tornar mais conhecida, no Brasil, a pessoa do seu exemplar inspirador, em todas as suas múltiplas e nítidas facetas, de chefe guerreiro e líder político, nas quais avultou o cidadão humano.

É tarefa muito recompensadora. A projeção brasileira do vulto de San Martin - que é argentino e continental - contribuirá para o fortalecimento da união e da solidariedade entre a Argentina e o Brasil, sem dúvida, um fator de ordem, de progresso, de paz.



General-de-Exército R1 JONAS DE MORAIS CORREIA NETO. É oriundo da arma de Artilharia. Pertence à Turma da Escola Militar de 1945. Foi Instrutor do CMRJ, da EsAO, oficial de Gabinete do Ministro do Exército, Membro do Corpo Permanente da ESG, Chefe do Gabinete do DEC. Comandante do CMPA, da AD/3, da 6ª DE e do CMSE. Dir DEE. Secretário-Geral do Exército, Ministro-Chefe do EMFA. Escritor militar e conferencista consagrado, atualmente preside o Instituto de Geografia e História Militar do Exército.